

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza

Iracema Guardiã

Trabalho 2655 - 1/4

## DO DIREITO À EXCLUSÃO: VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Carlos, Diene Monique<sup>1</sup>

Ferriani, Maria das Graças Carvalho<sup>2</sup>

Silva, Marta Angélica Iossi<sup>3</sup>

Leite, Jéssica Totti<sup>4</sup>

Martins, Camilla Sóccio<sup>5</sup>

Nas últimas três décadas, a estrutura etária da população brasileira sofreu profundas mudanças resultantes da queda da fecundidade, da redução da mortalidade, e do aumento da expectativa de vida. A nova estrutura evidencia o envelhecimento da população, e uma “onda jovem” caracterizada pelo aumento populacional na faixa etária de 10 a 19 anos. Salienta-se ainda o fato de que esta geração está se desenvolvendo num contexto socioeconômico marcado por profundas desigualdades de oportunidades de vida, de inserção no mercado de trabalho e de perspectivas quanto ao futuro. Considera-se o segmento mais vulnerável aos agravos decorrentes da violência e dos acidentes, que representam a primeira causa de morte entre os adolescentes. Esta população sofre violências nas escolas, instituições, locais de trabalho, nas ruas. Porém, nas últimas décadas, a violência passou a alcançar um espaço que deveria se configurar como protetivo para as crianças e adolescentes – o espaço doméstico. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, se os direitos da criança e do adolescente forem ameaçados ou violados por meio de qualquer forma de violência, pode-se adotar como medida de proteção à vítima, o abrigo em uma instituição especializada. Uma das grandes problemáticas que circundam

<sup>1</sup> Enfermeira, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – EERP/USP. E-mail: [diene\\_enf@yahoo.com.br](mailto:diene_enf@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Enfermeira, Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da EERP/USP.

<sup>3</sup> Enfermeira, Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da EERP/USP.

<sup>4</sup> Enfermeira, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública da EERP/USP.

<sup>5</sup> Enfermeira, Doutora em Saúde Pública pelo Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem pela EE/EERP-USP.

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza**Trabalho 2655 - 2/4**

a esfera da institucionalização de crianças e adolescentes é a inserção dos mesmos em nosso meio social. E percebemos que nesse âmbito lhes é negado um de seus maiores direitos e a principal arma que poderiam possuir para se defender da crescente miséria que assola o nosso país – a educação. Na tentativa de elucidar estas questões, o presente estudo teve como objetivo conhecer e descrever as vivências no espaço escolar de adolescentes abrigados numa instituição destinada ao atendimento de vítimas de violência doméstica do município de Ribeirão Preto – SP. Pesquisa de cunho qualitativo, sendo a coleta de dados realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas e a análise de dados a partir do método de análise de conteúdo. Este estudo foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo em 16 de fevereiro de 2005, e os adolescentes e seus responsáveis firmaram sua participação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após a organização e leituras exaustivas do material coletado nas entrevistas, emergiram dois núcleos temáticos – Preconceito; e Exclusão. No primeiro núcleo, ficou evidenciado que o preconceito materializado contra os adolescentes vitimizados e institucionalizados se dá sob formas variadas – contra a instituição que atende estes adolescentes, contra os próprios adolescentes, e contra as famílias destes adolescentes. Surge ainda uma versão do preconceito oculta atrás de atitudes dos professores permeadas por carinho e atenção. Quando abordada a questão do preconceito contra as famílias destes adolescentes, tornou-se necessário trabalhar os sentidos da desfiliação para adolescentes institucionalizados. A instituição se porta como um lugar de passagem, e mesmo que a criança ou o adolescente permaneça nela por um longo tempo, não reconhecerá ali sua imagem; antes disso, estigmas pesarão sobre ele, roubando parte de sua identidade. No segundo núcleo temático, ao abordar as questões da vida escolar destes adolescentes, os sujeitos relatam que, principalmente devido ao preconceito sentido, o relacionamento com os colegas de escola é péssimo. Estes conflitos gerados no espaço escolar, associados à dificuldade de inserção escolar destes sujeitos, culminam no fenômeno de exclusão escolar, gerando futuramente a exclusão social. As crianças e os adolescentes vítimas de violência doméstica e institucionalizados precisam interagir efetivamente com pessoas, objetos, símbolos e com um mundo

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza

Iracema Gardã

**Trabalho 2655 - 3/4**

externo acolhedor. Assim, o abrigo precisa fazer parte da rede de apoio social e afetivo, fornecendo recursos para o enfrentamento de eventos negativos advindos tanto de suas famílias quanto do mundo externo, modelos identificatórios positivos, segurança e proteção. A escola também adquire especial importância no sentido de compreender e acolher crianças e adolescentes vitimizados e institucionalizados. Além disso, atua como uma instituição produtora de saberes, e neste aspecto possui o dever de minimizar os preconceitos ainda tão presentes neste cenário contra estes atores sociais. Infelizmente esta unidade, observada por estes ângulos, está muito longe de atuar como uma instituição de proteção da infância e da adolescência, apesar de ter em mãos todas as tecnologias necessárias para isto. Devemos olhar a violência doméstica como um problema multidisciplinar, que requer a estreita cooperação de uma ampla gama de diferentes profissionais com diferentes tarefas, e atuantes em diferentes áreas de atendimento a crianças e adolescentes. Novos olhares e a busca de elementos inovadores para o estudo da infância e adolescência, tema este relevante e atual para a agenda da enfermagem, da saúde da criança e do adolescente e da saúde pública, vislumbram o reconhecimento do valor da saúde e do desenvolvimento desta população para o seu próprio futuro e para o futuro do país, na importância e pertinência da sua participação como agentes de mudança e na sua contribuição para o progresso social, através do empoderamento e do estabelecimento de políticas públicas e ações que envolvam e atendam essa população.

**Bibliografia:**

1. Brasil. Ministério da Saúde. Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes por profissionais de saúde. Brasília: MS, SAS; 2002.
2. Minayo, MCS, Souza ER, organizadoras. Violência sob o olhar da saúde – a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2003.
3. Minayo MCS, organizadora. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis (RJ): Vozes; 2007
4. Bardin L. Análise de conteúdo. Tradução de Luis Antonio Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70; 1977.

**TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL**

07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza



**Trabalho 2655 - 4/4**

5. Reichenheim, ME.; Hasselmann, MH.; Moraes, CL. Conseqüências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de propostas de ação [Versão eletrônica].Ciência e saúde coletiva, 4(1), 179-184. Retirado em 14 de dezembro de 2007, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81231999000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231999000100009&lng=pt&nrm=iso).

Descritores: Adolescente. Escola. Violência Doméstica.